

# Jornal da Ciência

(<http://www.jornaldaciencia.org.br>)

TERÇA-FEIRA, 19 DE AGOSTO DE 2014

Publicação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência



## JCNotícias

(<http://jcnoticias.jornaldaciencia.org.br>)

Início (<http://jcnoticias.jornaldaciencia.org.br>) / Edições

(<http://jcnoticias.jornaldaciencia.org.br/category/edicoes/>) / 2916

(<http://jcnoticias.jornaldaciencia.org.br/category/edicoes/2916/>) / Doutores desempregados: há responsabilidade por parte do CNPq?, artigo de Nagib Nassar

quinta-feira, 15 de dezembro de 2005

## Doutores desempregados: há responsabilidade por parte do CNPq?, artigo de Nagib Nassar



Nagib Nassar é professor titular de genética da UnB. Artigo enviado pelo autor ao “JC e-mail”:

O que foi discutido nas páginas do JC referente aos bolsistas de doutorado no exterior que voltam e enfrentam o desemprego, mostrando ser um fenômeno cada vez mais alarmante, acredito que se trata de um problema grave e que merece toda a atenção.

Esse problema não é novo. Lembro-me que o assunto foi discutido há dois anos atrás, exatamente em dezembro 2003.

Lembro-me também que na época se chegou a conclusão que isso não é culpa nem falha do CNPq, mas sim um problema merecedor de uma solução nacional e de mudança na legislação em vigor.

O papel do CNPq, como o de qualquer órgão de fomento, como, por exemplo, a Capes ou a Fapesp. termina com a formação do doutor. fornecendo apoio financeiro. o seu

acompanhamento no exterior até os bolsistas receberem seus diplomas.

O cerne do problema, em minha opinião, recai sobre dois aspectos:

Primeiro, falta, no Brasil, um órgão central que articule, planeje e controle as concessões de bolsa ao exterior. Em países maiores, como os asiáticos, existe um único órgão controlador e as bolsas não são concedidas por vários órgãos, como é o caso do Brasil.

A Capes, o CNPq e a Fapesp e outros como a Faperj concedem bolsas e cada um adota critérios e sistemáticas de concessão próprias, para quaisquer áreas.

Todos esses órgãos não possuem um planejamento ou um controle central, que faça uma articulação e que tenha uma visão sobre áreas carentes no Brasil. Todos atuam sem definir que área de especialização o país realmente precisa e que campo de aperfeiçoamento necessita.

Se existisse um órgão articulador central no Brasil, com certeza as bolsas seriam concedidas somente para áreas carentes, onde realmente precisamos doutores.

Não só isso, mas por meio deste controle centralizado, o Brasil poderia mandar um bolsista para o exterior e ele saberia de início para onde voltaria, após a conclusão do seu doutorado.

Esse sistema existe em quase todos os países asiáticos, como China, Índia, Malásia e Tailândia e em alguns países do oriente médio, como no Egito.

A outra face do problema do desemprego é que a lei atual permite que professores aposentados de Universidades públicas sejam recontratados, acumulando dois salários, privando novos doutores de terem suas oportunidades de trabalho e ainda impedindo-os de renovar as áreas de conhecimentos.

Calcula-se que esse tipo de aposentados recontratados absorva mais de 60% do orçamento de algumas Universidades federais. É lógico que a lei deve mudar!

Há ainda uma questão levantada pelo dr. Francisco Antonio Doria, que atribuiu ao presidente do CNPq todos os erros e culpas cometidas pelas comissões julgadoras. Isso não é justo, pois o presidente do CNPq foi o primeiro a apontar os critérios artificiais definidos pelas comissões.

As páginas do JC testemunharam a resistência das comissões julgadoras a pedido do senhor presidente, que eles reformulassem seus critérios absurdos.

Em sua carta ao JC em junho passado, o senhor presidente defendeu a idéia de não interferir em decisões dos CAs e muito menos interferir em suas nomeações junto ao conselho deliberativo.

Frente a tantas reclamações apelamos ao senhor presidente do CNPq para que renove o quadro atual das comissões e defina outra base para suas nomeações.

Há pessoas que integram as comissões pela sétima vez, durante 20 anos, como se não houvesse no Brasil outras pessoas qualificadas além deles.

Eles polarizam recursos da instituição, concentram o poder e adotam idéias já ultrapassadas pelo progresso científico.

O pior é que eles se colocam como donos absolutos do CNPq. O justo seria ter apenas um único mandato em toda a vida científica, para qualquer pesquisador, dando a oportunidade para que outros exibam suas idéias e seus pensamentos.



Copyright © 2014 Jornal da Ciência  
Todos os direitos reservados

 

(<http://www.rpm.com.br>)